

## **DISCIPLINA E SUBJETIVIDADE: A TROPA DE ELITE A PARTIR DE FOUCAULT E GOFFMAN<sup>1</sup>**

### *DISCIPLINE AND SUBJECTIVITY: THE ELITE SQUAD FROM FOUCAULT AND GOFFMAN*

**Kélen Medianeira Pozzobon<sup>2</sup> e Marcos Adegas de Azambuja<sup>3</sup>**

#### **RESUMO**

O presente artigo constitui-se a partir da análise do filme *Tropa de Elite*, mais especificamente ao Batalhão de Operações Especiais (BOPE). Com esse trabalho pretende-se discutir e problematizar os processos de homogeneização da subjetividade que se efetivam nas práticas disciplinares, no contexto fílmico. Além disso, mapear os procedimentos de modelização bem como potencial de produção de sujeitos que escapa a este contexto. Para alcançar os objetivos propostos, utilizaram-se alguns dos operadores conceituais de Foucault e Goffman como Instituições Totais, poder, disciplina, corpos dóceis, profanação e mutilação do eu. Esta análise permitiu produzir três momentos pertinentes com relação à temática: Nascimento do BOPE, O BOPE e o desacomodar e o Treinamento militar. Considera-se que o trabalho possibilitou a verificação dos dispositivos disciplinares e de mortificação, trabalhados em Foucault e Goffman, que incidem sobre a constituição subjetiva do sujeito.

**Palavras-chave:** subjetividade, homogeneização, disciplina, sujeito.

#### **ABSTRACT**

*This article seeks to analyze the *Tropa de Elite (Elite Squad)* movie. More specifically, the Special Operations Battalion (SOB). The objective is to discuss the subjectivity homogenization processes that takes place in the disciplining practices in the context of the movie and, also, to map the patterning procedures, as well as the potential for producing subjects who escape this context. For this purpose, our analysis is based on Foucault's and Goffman's concepts: total institutions, power, discipline, docile bodies, profanation and mutilation. We divided the study in three categories: Formation of SOB; SOB and disturbance; Military Training. The paper highlights the apparatuses for discipline and mortification, which are discussed by Foucault and Goffman. These concepts are part of the subjective constitution of the subject.*

**Keywords:** *subjectivity, homogenization, discipline, subject.*

---

<sup>1</sup>Trabalho Final de Graduação - TFG.

<sup>2</sup>Acadêmica do Curso de Psicologia - Centro Universitário Franciscano. E-mail: kelenpozzobon@gmail.com

<sup>3</sup>Orientador - Centro Universitário Franciscano. E-mail: marcosa@unifra.com.br

## INTRODUÇÃO

Neste artigo parte-se do desejo, da inquietação e curiosidade que nós pesquisadores temos em transitar no mundo do regime militar, o que foi estimulado por conversas informais com militares, ex-soldados, mídias e pelo próprio filme *Tropa de Elite I*<sup>4</sup>. Buscamos realizar a análise deste filme, pois ele apresenta características próprias do funcionamento militar, além de possibilitar a realização de uma análise dos dispositivos disciplinares e seus efeitos existentes neste contexto fílmico e na vida em sociedade no que tange a constituição subjetiva. Para se investigar tais questões, utilizaremos alguns operadores conceituais de Goffman e Foucault, importantes teóricos no que refere à subjetividade, disciplina e Instituições Totais. Transitaremos pelo *Nascimento do Bope*, pelo *Desacomodar do Bope* e pelo *Treinamento militar*, subitens que nos guiam na análise como os operadores conceituais, conferindo a efetivação dos objetivos explanados a seguir.

A dinâmica militar tornou-se algo inquietante para nós pesquisadores, ainda mais, por se caracterizar um território pouco habitado (por quem não faz referência à carreira militar e ao serviço militar obrigatório) e de funcionamento específico carregado de características morais e cívicas que conformam formas de pensar e agir. Escolhemos o filme *Tropa de Elite* por se tratar de um filme contemporâneo que compreende aspectos da dinâmica militar, representada pelo Policiamento Militar. Buscamos desenvolver um artigo voltado a este funcionamento, entretanto para além dele de forma a contextualizarmos a realidade social do Brasil atentando principalmente para o campo social, perpassando pelo combate ao tráfico e à corrupção existentes entre favelas e policiais.

As práticas disciplinares, foco da análise desenvolvida nesse artigo, se fazem pertinentes por sua legitimação nos processos subjetivos, pois o sujeito se constitui a partir do tempo, do espaço histórico e do modo como experimenta o mundo atravessado por discursos e práticas capazes de conformá-lo. Para tanto a disciplina que contribui enfaticamente neste processo, atuando principalmente no que tange ao controle e homogeneização dos corpos ancora o modo de funcionar de uma sociedade, pois através de seus dispositivos e discursos se sustentam e se promovem as formas de pensar agir de uma sociedade. A partir disso temos também o intuito de despertar o interesse na realização de novos estudos que proponham um movimento reflexivo e problematizador dos dispositivos que operam no modelamento dos sujeitos, possibilitando a este um pensar e quem sabe agir menos alienante.

Contextualizar o momento social em que o Brasil encontra-se a partir da realidade fílmica, se faz importante enquanto análise dos fenômenos da corrupção, do funcionamento do Batalhão Militar, da marginalização dos sujeitos, para compreender as temáticas que envolvem este artigo e que serão trabalhadas posteriormente. Nesse contexto, é importante compreender, por exemplo, o processo de

---

<sup>4</sup>PADILHA, J; PRADO, M. **Tropa de Elite**. Direção: José Padilha. Produção: Marcos Prado e José Padilha por Zazen Produções Audiovisuais Ltda, 2007. Distribuidora: Universal Pictures e The Weinstein Company. Som, cor. (115min).

pacificação das favelas pelo qual o Rio de Janeiro está passando, já que o tema é abordado no filme e nos auxilia na análise dos fenômenos aqui apresentados.

Sabe-se que o Rio de Janeiro, desde janeiro de 2008, é pioneiro no processo de pacificação das favelas, por meio do programa da Secretaria de Segurança do Estado do Rio de Janeiro. Busca-se, com este programa, promover a aproximação entre polícia e população, desarticular milícias de tráfico e fortalecer programas sociais nas comunidades antes desamparadas e desassistidas pelo governo, Polícia e Estado. Tal intervenção se fez necessária devido à existência, no Rio de Janeiro, de três principais facções do tráfico: o Comando Vermelho (CV), o Terceiro Comando (TC) e os Amigos dos Amigos (ADA). Essas quadrilhas se instalaram em diferentes comunidades da cidade do Rio de Janeiro, na década de 70. Além dessas quadrilhas, atuam também, milicianos - quase sempre formados por policiais - que competem com os traficantes pelo controle do território. Esta caracterização vem ao encontro do que o filme apresenta com ênfase: a corrupção existente entre tráfico e polícia, a disputa por pontos de tráfico e propinas. (<http://direito.folha.uol.com.br>).

O processo de pacificação ocorre a partir da inserção de Unidades de Polícias Pacificadoras (UPPs) nas comunidades nas quais há predomínio do tráfico, da criminalidade e a existência das milícias. No processo de pacificação, há a participação de várias corporações policiais. Existem fases consecutivas para esse processo: (1º) Retomada, (2º) Estabilização, (3º) Ocupação definitiva, (4º) Pós-ocupação. Entre estas fases, a Retomada do Território e a Estabilização (fases 1 e 2) são de responsabilidades do Batalhão de Operações Especiais da Polícia Militar do Rio de Janeiro (BOPE).

Em vista ao filme a relação entre violência e o tráfico é muito estreita, pois à medida que se fortalece um, fornece subsídios para o fortalecimento do outro. Em meio a essa relação, encontra-se a corrupção dos que deveriam combater esses fomentos da criminalidade. O funcionamento se pauta na ilegalidade que predis põem práticas ilícitas de recebimento de droga, como por exemplo, roubos e propina funcionando assim como um fator desencadeante da violência (dentre outros fatores).

Tais aspectos contribuem para análise e compreensão de como ocorrem os processos de subjetivação, modos em que o sujeito aparece como objeto de uma relação de conhecimento e poder. A partir deste argumento nos envolvemos na análise fílmica de *Tropa de Elite* e para além dele, fomentando assim o caráter problematizador e de reconhecimento das práticas e dos dispositivos que incidam sobre a formação subjetiva de sujeito, em nossa sociedade disciplinar, o que configura os objetivos deste artigo.

A partir de tais apontamentos constata-se que a análise do filme *Tropa de Elite* tem sua relevância enquanto ferramenta contemporânea que possibilita a efetivação dos objetivos a partir da problematização, mapeamento e discussão dos dispositivos disciplina tórios que engendram modos de subjetivação bem como seus efeitos no campo social. Esses aspectos podem ser verificados em outros trabalhos além desse: *Elite da tropa* (NEME; CUBAS, 2006); *A(u)tuando o Rio: a lei, o desejo e a produção da cidade em Tropa de elite*, de José Padilha (CRAINE; CURTI, 2009). *A Construção do sujeito em Shrek: uma análise do discurso à luz da teoria bakhtiniana* (PESSONI et al., 2001).

## NO ENGAJAMENTO COM A TROPA DE ELITE

O Filme *Tropa de Elite*, lançado no dia 12 de outubro de 2007, com direção de José Padilha é caracterizado como filme de ação, drama e suspense. A trama acontece no Rio de Janeiro, em 1997, e tem como principal personagem Nascimento (Wagner Moura), capitão da Tropa de Elite, do Rio de Janeiro. Ele é designado a comandar uma das equipes que tem como missão “apaziguar” o morro do Turano, que ainda não estava em processo de pacificação, para visita do Papa à favela, motivo este que ele considera insensato devido às consequências que a visita poderia causar à população da favela, bem como a perda de algum de seus colegas militares. Pressionado, principalmente com essa missão, pois para o BOPE “missão dada é missão cumprida”, logo, sem possibilidade de falhas, capitão Nascimento sente os efeitos do estresse e decide encontrar um substituto.

Nesse clima, sua equipe é chamada a resgatar, em meio a um tiroteio, oficiais da Polícia Militar (Neto e Matias), recentemente inseridos na corporação. Estes, após serem resgatados, impressionados com a eficácia de seus salvadores e ansiosos para entrar em ação, decidem participar do curso de formação da Tropa de Elite. Após as avaliações de condutas e de desempenho do treinamento militar do curso, capitão Nascimento, tendo que selecionar um substituto, acredita ter encontrado o novo líder do Batalhão, inteligente, corajoso e incorrupto.

Em meio ao campo produtivo das relações institucionais de corrupção e de criminalidade, o BOPE, no filme *Tropa de Elite*, buscou a ruptura das relações pacíficas de convivência entre policiais e traficantes que se utilizavam de propinas e subordinações para tal fim, sendo estes considerados subsídios para a potencialização da criminalidade e marginalização.

É importante mencionar que a criação do BOPE no Estado do Rio de Janeiro, se concretizou a partir da não eficácia da polícia convencional considerada inapta para o combate ao tráfico das favelas e demais crimes, tal apontamento também é referido no filme. Entre as missões do BOPE, estão o combate ao crime organizado, à captura de fortemente armados, o resgate de reféns e a contenção de rebeliões. Para tanto, os policiais recebem uma formação diferenciada, voltada para operações de guerra urbana, que inclui um processo severo de seleção e treinamento (<http://www.tropasdeelite.xpg.com.br>).

Para desenvolvermos este estudo adotamos como método a análise fílmica referida por Penafria (2009) como inspiração para uma leitura interpretativa de natureza crítica do filme e da realidade nele vivenciada. O filme foi assistido em detalhes para análise e avaliação das cenas, no intuito de identificar relações com os operadores conceituais aqui trabalhados e que serão citados posteriormente. Entretanto, a maioria das análises pautou-se no discurso dissertativo-argumentativo do Capitão Nascimento que se destacou durante o filme. A partir dessas reflexões, realizamos apontamentos importantes e designamos três focos de análise: *O Nascimento do BOPE*, *O BOPE e o Desacomodar*, *O Treinamento Militar*; a fim de explicar e sustentar os objetivos propostos.

Para se efetivarem tais questões, empregamos as contribuições de Michel Foucault e Erving Goffman e de alguns de seus operadores conceituais: Instituições Totais, poder, disciplina, corpos dóceis, profanação e mutilação do eu. Para isso, ancoramo-nos mais especificamente aos livros *Vigiar e Punir* (FOUCAULT, 1987) e *Manicômios, Prisões e Conventos* (GOFFMAN, 1999), pois acreditamos que estes ostentam com grande veemência as temáticas abordadas.

Os autores em questão cogitam de forma semelhante e complementar os articuladores conceituais. Goffman traz o conceito de Instituições Totais a partir do detalhamento e análise das práticas existentes em algumas instituições, pautando-se em instrumentos sociológicos. Ele as define como local onde se encontram um grande número de indivíduos com situações semelhantes, separados da sociedade por um período considerável, que levam uma vida fechada e formalmente administrada (GOFFMAN, 1999). Ele refere, assim como Foucault, a existência de uma micro-política que legitima as relações de saber e poder que se articulam na produção de subjetividade. Conceito este visualizado no contexto filmico.

Foucault (1977) afirma que o poder só existe em ação e não somente para a manutenção e reprodução das forças econômicas, mas, acima de tudo, de uma relação de força, com fins estratégicos de institucionalização do corpo social. Para isso, têm-se os discursos como ferramentas de produção e circulação das relações de poder.

Para tanto, Foucault (1977) traz à tona o conceito de disciplina caracterizada como conjunto de técnicas em virtude do qual os sistemas de poder têm como objetivo o resultado da singularização dos indivíduos para fins de modelização. Ponto esse crucial quando se trabalha com este autor utilizando-se como referência análise, reconhecimento e mapeamento dos dispositivos para docilização dos corpos. O autor ainda salienta que este regime disciplinatório busca não somente o desenvolvimento de habilidades, e tampouco a submissão, mas sim a construção da “política de coerção”, compreendida como relação que torna o sujeito tanto mais obediente, quanto mais útil (FOUCAULT, 1987).

Goffman, na sua leitura micro-física e estrutural, realiza uma análise à produção das práticas institucionais com base em descrições muito bem delineadas e pontuadas no capítulo intitulado *O mundo do Internado*. Nesse capítulo, ele faz referência aos dispositivos homogeneizadores como a organização exacerbada que adota a numeração das vestimentas; o controle rígido dos horários e dos papéis, a equipe dirigente ordena e comanda os horários de medicação, como em manicômios, a hora do banho de sol, como nas prisões; o confinamento; a serialização e a perda de identidade por meio do afastamento de objetos e pessoas que fazem referência à sua individualidade, como também acontece em manicômios e hospitais com relação a roupas próprias, sabonetes, toalhas, fotos, pertences pessoais etc. Realiza a caracterização do que ele chama de “profanação e mutilação do eu”.

Esta mutilação se refere a sucessivas perdas de identidade, tanto físicas quanto psicológicas e, ainda, à perda de um sentido de segurança pessoal. A perda de identidade pode impossibilitar o sujeito

de ter uma imagem usual de si mesmo com relação ao outro. Qualquer prática que ocasione a inferioridade de um indivíduo para com o outro, como por exemplo, no contexto dos quartéis, a continência, a postura que se determina em posição de sentido diante de seu superior militar, pode mortificar o seu Eu, principalmente, no que tange à perda da autonomia do sujeito, impossibilidade de opinar, escolher, viver da forma que se deseja. Muitas destas práticas homogeneizadoras referidas pelo conceito de Instituições Totais como prisões, manicômios, hospitais, quartéis e até mesmo escolas de âmbito fechado, que na relação com espaço institucional, com a equipe dirigente e com o funcionamento total designam a uma constituição de Eu. Essa designação é ancorada na amputação da dignidade pessoal, no fortalecimento de uma sensação de desqualificação e, ainda, na existência pautada no processo de coisificação, ou seja, nada parte de meu desejo (GOFFMAN, 1999).

Tal caracterização vem ao encontro do que Foucault chama de “docilização dos corpos”. Ele refere que o corpo entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula, delimita e o recompõe, torna-se uma “anatomia política” e uma “mecânica do poder”. Com isso, busca-se ter domínio sobre o corpo dos outros, não somente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com artifícios que promovam a rapidez e a eficácia que se determina (FOUCAULT, 1987).

Cabe ressaltar que Foucault, em sua trajetória genealógica, ratifica duas principais formas de intervenções de poder sobre a vida, que ele denomina Biopoder: um dos polos concentra-se no corpo como uma maquinaria, docilizado para fins de produção em que as forças são garantidas por meio de dispositivos disciplinares. Outro polo se refere a uma biopolítica da população, focalizada no corpo-espécie como o desígnio ao domínio e gerenciamento das condições que mantêm e controlam a vida.

As disciplinas do corpo e as regulações da população constituem dois polos em torno dos quais se desenvolveu a organização do poder sobre a vida. A instalação durante a época clássica, desta grande tecnologia de duas faces anatômica e biológica, individualizante e, especificamente, voltada para o desempenho de corpo e encarando os processos da vida – caracteriza um poder cuja função mais elevada já não é matar, mas investir sobre a vida de cima a baixo (FOUCAULT, 1987, p. 124).

Destes dois polos, este artigo pautou-se enfaticamente nos processos de vida enquanto técnicas disciplinares, entretanto foi inevitável não nos voltarmos, em alguns momentos, para as questões das práticas com fins de administração e controle sobre a vida.

## **CONVERSANDO COM O BOPE**

### **O NASCIMENTO DO BOPE**

Nesta categoria, apresentamos o surgimento do BOPE e descrevemos o seu funcionamento. O *Nascimento*, neste subtítulo, faz referência a dois pontos pertinentes de nossa análise: o primeiro



diz respeito à caracterização da criação do BOPE, já o segundo, apresenta o capitão Nascimento como articulador de toda a dinâmica do filme. Nascimento tem um papel importante e emblemático, pois, além de atuar de forma narrativa no filme, utiliza-se de argumentos que fazem referência à realidade social e ao modo de funcionamento do BOPE. Não há como negar que o BOPE, em análise no contexto fílmico, é considerado uma tropa de elite que se distingue dos demais grupos da corporação policial militar e da polícia civil em razão de sua alta qualificação técnica, de sua resistência e combate à corrupção que funciona como “adubo” para o crescimento e fortalecimento das desigualdades, da pobreza e da criminalidade.

Como bem visualizado e narrado por Nascimento no filme, a polícia convencional havia desenvolvido estratégias que mantiveram a “paz” na favela sustentada pela corrupção dos policiais, que, na troca de armamento por dinheiro e droga, alimentavam o círculo vicioso entre o tráfico e a corrupção. Círculo este fortalecido, principalmente, por dispositivos disciplinares de punição, ao qual é praticamente impossível não se inserir ou sair, pois quem não adere a esse funcionamento, a hierarquia e os engendramentos entre tráfico e polícia tentam eliminar. Tal afirmação é argumentada por Nascimento na cena em que Neto tenta delatar ao seu superior às fraudes na oficina mecânica de seu batalhão. Nascimento argumenta sobre o funcionamento corrupto do sistema e a dificuldade em resistir e não se inserir nesse contexto, em suas palavras: “Policial, ou se corrompe, ou se omite, ou vai para a guerra”.

Todo o sistema corrupto mostrado no filme é pautado na hierarquia que se utiliza de dispositivos disciplinares dos corpos e das relações para a constituição de mecanismos homogenizadores e de controle, sendo estes mantenedores da cultura policial corrupta. Podemos, aqui, descrever a cena na qual Neto descobre as fraudes e roubos na oficina mecânica do quartel militar em que trabalha. Ele recorre ao seu superior a fim de delatar tal crime. Este, sabendo das infrações, pois participa do sistema, diz a Neto que vai nomeá-lo como responsável de uma sindicância com o propósito de averiguar tais acusações, entretanto, a fim de barrá-lo. Seu superior utiliza o próprio sistema contra as intenções de justiça de Neto, pois ele é lento e, principalmente, muito burocrático, o que torna a atitude ética em delatar para corrigir e punir adotada por Neto, quase impossível de se efetivar naquele contexto corrupto.

Além disso, a cada intervenção de modificação e delatação do sistema por parte de Neto e de Matias, eles eram enviados a setores onde não trariam muitos problemas e riscos ao funcionamento corrupto da corporação. A hierarquia e o poder, como dispositivos disciplinares, sustentam, produzem e organizam o sistema da ilegalidade.

Outro ponto a ser abordado a respeito do BOPE refere-se às suas intervenções investigativas. Não há como desconsiderarmos que em práticas como a de interrogatório o BOPE, em referência ao filme, utilizava-se de torturas para chegar onde se desejava, sendo estas realizadas na possibilidade da pessoa reter alguma informação pertinente ao BOPE. Citamos aqui a cena na qual a tropa de elite caça Baiano, assassino de Neto. A tropa, ao invadir a casa de um morador da favela, encontra um tênis

“de marca”, o que faz com que o grupo suspeito de algum envolvimento do morador com o traficante procurado. Esse fato desencadeia um incessante e violento investimento na busca por informação sobre o morador.

A constante violência com tapas, socos e a utilização “do saco” para sufocar não tinham o intuito de matar, mas, sim, a partir das práticas de suplício, demarcar e afirmar o poder punitivo e disciplinatório do BOPE sobre os infratores da lei, estando eles no contexto de favela ou não.

O suplício penal não corresponde a qualquer punição corporal. É uma produção diferenciada de sofrimento, um ritual organizado para a marcação das vítimas e a manifestação do poder que pune. Não é absolutamente a exasperação de uma justiça que, esquecendo seus princípios, perde todo o controle. Nos “excessos” dos suplícios, se investe toda a economia do poder (FOUCAULT, 1987, p. 32).

Acreditamos que a violência apresentada no filme causou certo amedrontamento da população em relação ao policiamento militar, mais especificamente, aos Batalhões de Operações Especiais demarcando e afirmando este aspecto punitivo para além do filme, na nossa sociedade.

## O BOPE E O DESACOMODAR

O filme *Tropa de Elite I* nos despertou para uma análise de caráter problematizador das questões sociais, alertando-nos assim, para os processos de subjetivação e seus efeitos. Com relação a isso, existe o intuito de desacomodar na tentativa de realizar um movimento reflexivo articulado à produção de nossos discursos e práticas. Acreditamos que esse intento se faz válido a partir do caráter crítico, de pertencimento e responsabilização de nós enquanto sujeitos-cidadãos atuantes em uma sociedade e em um sistema.

Verificou-se o quão impactante é o filme para a sociedade, pois ele circulou em todas as classes e domínios sociais, tornando-se moda os comportamentos e discursos apresentados no filme, além da própria linguagem: “*pede pra sair, seu bosta, seu merda*”. Constata-se que a mídia, como ferramenta discursiva, explorada por esta análise por meio do filme, tem um papel disseminador e conformador, pois opera nos diferentes domínios da constituição dos sujeitos e do campo social.

Em meio a tudo isso, se pode perceber o sentimento catártico e julgador que o filme despertou nas pessoas que o assistiram, bem como o aplauso às violências, às torturas, crueldades, injustiças e ao terrorismo fascista contra civis, traficantes e policiais. O que caracteriza a prática dos dispositivos disciplinares que perpassou o filme, os discursos garantem o direito de punir na tentativa de vingança em defesa da sociedade – o conhecido ditado “olho por olho, dente por dente”.

Para ponto de reflexão e sem demais aprofundamentos a partir disso, nos questionamos: Que construção subjetiva de cidadãos que ressaltamos que se isenta de sua responsabilidade social e que se justifica em causa e consequência? Quais são as verdadeiras armas do crime?

É possível considerar vários apontamentos importantes com relação aos paradigmas sociais que o BOPE apresenta no filme. Discursa com referência às possibilidades de que “preto e pobre”



não têm muitas chances na vida, discurso este visualizado corriqueiramente na sustentação de um sistema devasso, que no exercício do poder usa a pobreza como objeto de lucratividade e obtenção de benefícios a poucos.

Um ponto pertinente a ser problematizado faz referência ao personagem Matias, pois ele não era nada do que ele se tornou ao final do filme. Matias, a partir de sua inserção na corporação policial, foi vivenciando a realidade e a relação corrupta com a comunidade da favela. Em sua trajetória acadêmica, deparou-se com discursos que dialogavam a respeito do trabalho da polícia considerada corrupta, violenta, covarde pelos seus colegas do curso de direito. Isso fica evidente na cena em que Matias vai de encontro a esta visão social, exclamando seu ponto de vista e, ainda, aponta aos colegas, suas práticas ilegais (uso de drogas) e visões reducionistas que apresentam. Nos discursos dos colegas de Matias é possível atentar ao aspecto da demarcação e afirmação do suplício, do caráter punitivo que o BOPE instaurou no filme.

O BOPE também apresenta uma questão relevante com referência à intenção da instauração e funcionamento das Organizações não governamentais (ONGs) em contextos de favelas, o que é considerado por Nascimento como hipocrisia. Isso pode ser percebido em algumas cenas, como na que o coordenador de uma ONG entrega “santinhos” a Matias. A ONG, no contexto fílmico, tem o intuito político-partidário, além de se mostrar uma instituição disseminadora do tráfico. Isso nos remete a uma reflexão sobre o sentido e papel social das instituições como as ONGs. Seu funcionamento muitas vezes se mantém a partir de recursos do tráfico ou de favores políticos em prol de um trabalho social comunitário. Não pretendemos, aqui, macular o importante trabalho da maioria destas instituições. Acreditamos que elas são importantes agentes na formação cidadã, e, ao consideramos que seus saberes pressupõem poderes, e que esta relação suscita sujeitos, logo cremos que seu papel é de grande relevância na formação subjetiva de seus acolhidos.

Verificamos que no quesito artefato social, o filme nos instiga a percebermos nossa responsabilidade social, e uma parte do filme que vem muito bem ao encontro dessa afirmação, se refere à cena em que Nascimento pergunta ao estudante, usuário de maconha, quem havia matado um traficante, ele responde ter sido o BOPE. Nascimento, em meio a tapas e empurrões, afirma que quem matou o traficante foi o estudante usuário de droga, e não o BOPE, pois era o estudante quem financiava o tráfico.

## O TREINAMENTO MILITAR

Como referido anteriormente, para inserção no BOPE - A Tropa Elite - o policial deveria passar por um curso rigoroso a fim de selecionar os honestos e bons e castigar e eliminar os corruptos. Na relação de poder existente entre soldados e seus superiores, se estabelece os castigos e punições como rebaixamentos, humilhações, degradações e profanações do eu, bem como a ex-

posição a práticas perigosas, obstáculos postos estrategicamente, podendo originar ou favorecer sofrimentos tanto físicos, quanto psíquicos para os soldados. Todos estes aspectos configuram-se em uma seleção natural imposta por meio de artifícios do controle disciplinar. Verifica-se a microfísica do poder atuando na demarcação dos papéis de autoridade e de submissão e, possivelmente, na geração de sofrimento. São gestos, discursos, hábitos, comportamentos que em procedimentos técnicos de poder realizam o controle detalhado e minucioso do corpo, sendo estes alguns artifícios que incidem diretamente na formação de soldados ideais – referenciais de comportamento, disciplina, postura, adaptação e obediência.

Uma vez o sujeito inserido em instituições de características totais, como o BOPE, passa a estar à mercê de dispositivos que o neutralizam, o imobilizam, assim como práticas para modelação, além de discursos que legitimam seu funcionamento totalitário. Percebe-se que a adoção desse modo de funcionamento permite o controle dos corpos (soldados), a submissão da existência de cada sujeito ao regime, à perda da autonomia. Esse sistema de funcionamento afeta o modo de cada sujeito existir no mundo, o que pode ser identificado por meio das constantes mudanças de Matias que passou de um soldado para Líder da Tropa de Elite e sobre si mesmo todo modelamento e submissão que legitimaram essa sua nova forma de ser e agir no mundo.

Vale a pena ressaltar que tais procedimentos são visualizados de forma mais intensa nas intervenções investigativas e na configuração do próprio funcionamento do BOPE. Estas legitimam o caráter conformador subjetivo destes dispositivos que delineiam os sujeitos para serem e agirem de acordo com o que se quer e se determina. Esse caráter conformador é atravessado por uma ideologia do BOPE punitiva e extintora, basicamente, da corrupção e do tráfico, que, no caso do filme, está contaminada pela prevalência de uma polícia incorrupta. Nesse contexto, “O indivíduo é sem dúvida o átomo fictício de uma representação ‘ideológica’ da sociedade; mas é também uma realidade fabricada por essa tecnologia específica de poder que se chama a ‘disciplina’” (FOUCAULT, 1987, p. 218).

As perdas e decepções são vivenciadas, no filme, quando, por exemplo, Matias perde Neto e se decepciona com a polícia que deveria ser ética e trabalhar de acordo com o juramento feito no momento da posse. Devido ao treinamento rigorosamente disciplinar, entre outros fatores, modificou seu olhar sobre o mundo, seus ideais, seu modo de se relacionar, de agir, sua forma de trabalhar, sua perspectiva de vida, ou seja, tornou-se uma pessoa diferente daquela mostrada no início do filme.

Consideramos relevante explicar que os apontamentos referidos à temática do treinamento militar não se apresentam apenas no ambiente militar, mas são manifestados de formas diferentes para além dos espaços institucionais. Ao trabalhar com Foucault tal apontamento se faz presente e compreendido quando se fala em disciplina, pois ela norteia e conforma as subjetividades do campo social, bem como a incidência das relações de poder que vão desde um ordenamento jurídico a uma instância escolar, familiar, ou seja, presente em toda a nossa vida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao transitarmos pelo mundo de *Tropa de Elite* e para além dele, surge a importante constatação que é possível perceber e problematizar as práticas e dispositivos disciplinares que incidem sobre a formação subjetiva existente em nossa sociedade disciplinar. Entretanto, se faz pertinente ressaltar que esta análise não visou atribuir um posicionamento positivo ou negativo perante os aspectos analisados, mas, sim, efetivar os objetivos propostos por Michel Foucault (1988) sobre sua análise do poder, entendendo-o em seu caráter produtivo. Isto quer dizer, que o poder não é compreendido tão somente no sentido de algo que uns tem e outros não, que uns usam contra outros, com qualidades limitadas à concepção jurídica de poder, da obediência e da interdição. Pensa-se o poder como um campo de relações de forças criativas e inventivas em suas estratégias de ampliação no campo social e em sua positividade, no sentido de produção de sujeitos que se apropriam dessas forças para constituírem a si mesmos e aos outros.

Erving Goffman nos auxiliou nesta análise não tanto na analítica do poder distribuído na sociedade, mas, como bem colocam Benelli e Costa-Rosa (2003), como aquele pensamento capaz de detalhar a anátomo-política das instituições, observação minuciosa dos pequenos acontecimentos do cotidiano intrainstitucional. Isso nos permite pensar a produção da subjetividade nestes contextos, no que se refere aos aspectos de controle e dominação. Aqui, mais uma vez, devemos ter o cuidado de não confundir os campos de análise entre poder e violência, por mais que a problemática da Tropa de Elite nos encaminhe para isso. Mesmo que se veja a coerção, opressão e violência como os procedimentos mais evidentes, não nos parece interessante compreendê-los como algo do desequilíbrio, da passionalidade, da força bruta, mas como relações de poder calculadas, racionais e medidas. Por isso, ao adotar esse modo de lidar com uma análise sobre o poder, não devemos questionar quem tem mais poder e o que querem com ele, mas perguntar como vão ocorrendo os processos de assujeitamento em seus corpos, gestos, pensamentos e como o poder materializa-se em instituições, procedimentos e técnicas cotidianas.

Entendemos que a forma de se constituir como sujeito é atrelada ao momento no qual se vive, bem como à caracterização dos modos como se portam e se relacionam as pessoas. Logo, a forma de se constituir se estabelece em detrimento de práticas e discursos que almejam algum objetivo. Acreditamos que a análise fílmica de *Tropa de Elite* teve êxito com relação a seus objetivos, pois foi possível demonstrar que a história do filme é baseada em engendramentos de controle e de disciplina que produzem e sustentam um sistema corrupto que enriquece os de maior poder e posição superior. Por outro lado, o filme mostra que existe a tentativa de erradicar esse sistema em prol de uma polícia incorrupta, na maioria das vezes representadas por práticas de suplício.

Esta questão do suplício é um ponto que chama a atenção e mereceria aprofundamento em análises subsequentes: poderia o BOPE ser entendido como uma atualização das práticas de suplício,

que nos remetem ao poder soberano do século XVIII? Um ritual político, uma cerimônia da manifestação do poder em sua função jurídico-política, não mais expondo os corpos esfacelados em praça pública como antigamente, mas apresentando de forma ainda aterrorizante a entrada do batalhão na favela. Não o poder incorruptível do rei, mas o poder que se impõe do Estado de bem-estar social, não pelo exemplo, mas pela política do medo. A aplicação da violência em excesso nem perto de restabelecer a justiça, mas pura e simplesmente para reativar o poder. E, é claro, que este suplício não se aplica a todo e qualquer sujeito que desacata o poder. Ele tem função sobre temáticas nas quais o Estado não mais consegue interferir: o pobre, traficante, favelado, marginal.

Podemos constatar que a manutenção do poder, no filme, era garantida a partir de práticas e discursos disciplinatórios, mantidos na existência da relação entre poder e saber (entre policiais do BOPE, da corporação corrupta, na relação com a comunidade etc.). Esses aspectos, mesmo vistos em um contexto filmico, perpassam a nossa realidade social, logo, interferem na nossa forma de ser, de se constituir como sujeito e cidadão. A produção do sujeito cidadão, fica a questão, não se arregimenta, neste contexto, somente nas conformações do corpo dócil e útil, mas de uma retomada da relação castigo-corpo dos tempos anteriores às técnicas disciplinares. A retomada do suplício emergiria para eliminação dos corpos fora dos padrões de civilidade e cidadania e para reforçar um campo de moralidade, que podem nos remeter a todo e qualquer tipo de política pública voltada para ações e princípios unilaterais, que se utilizam de termos como ‘proibição’, ‘guerra contra’, ‘tolerância zero’, entre outras. Todo aquele corpo social que não é atingido pela Tropa de Elite assiste, uns aplaudem outros vão, uma suposta eficácia ou fracasso estatal.

## REFERÊNCIAS

BENELLI, S. J.; COSTA-ROSA, A. Geografia do poder em Goffman: vigilância e resistência, dominação e produção de subjetividade no hospital psiquiátrico. **Rev. Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 20, n. 2, p. 35-49, 2003.

CRAINE, J.; CURTI, G. A(u)tuando o Rio: a lei, o desejo e a produção da cidade em Tropa de elite. **Pro-Posições**, Campinas, v. 20, n. 3, p. 87-108, 2009.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 1987.

\_\_\_\_\_. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

GOFFMAN, E. **Manicômios, Prisões e Conventos**. Traduzido por Dante Moreira Leite. São Paulo: Perspectiva, 1999.

NEME, C.; CUBAS, V. Elite da Tropa. **Estudos avançados**, São Paulo. v. 20, n. 58, p. 323-328, 2006. Disponível em: <<http://ref.scielo.org/7h27jz>>. Acesso em: 20 out. 2012.

PENAFRIA, M. **Análise de Filmes - conceitos e metodologia(s)**. In: VI CONGRESSO SOPCOM, 14 a 18 de abril de 2009, Lisboa, Portugal. Disponível em: <<http://bit.ly/1BGfzTa>>. Acesso em: 06 out. 2012.

PESSONI, A. P. et al. A Construção do sujeito em Shrek: uma análise do discurso à luz da teoria bakhtiniana. **R. E. L.**, v. 4, n. 1, p. 1-41, 2001. Disponível em: <<http://bit.ly/1C3BQtK>>. Acesso em: 28 out. 2012.

